

TRADUÇÃO COMO PRÁTICA DE RESISTÊNCIA E INCLUSÃO:

Vozes Femininas Negras

ORGANIZADORAS

Norma Diana Hamilton

Alessandra Ramos de Oliveira Harden



Pesquisa,
Inovação
& Ousadia

EDITORA



UnB



Universidade de Brasília

Reitora
Vice-Reitor

Márcia Abrahão Moura
Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora

Germana Henriques Pereira

Conselho editorial

Germana Henriques Pereira (Presidente)
Fernando César Lima Leite
Ana Flávia Magalhães Pinto
César Lignelli
Flávia Millena Biroli Tokarski
Liliane de Almeida Maia
Maria Lidia Bueno Fernandes
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Roberto Brandão Cavalcante
Sely Maria de Souza Costa
Wilsa Maria Ramos



TRADUÇÃO COMO PRÁTICA DE RESISTÊNCIA E INCLUSÃO:

Vozes Femininas Negras



ORGANIZADORAS

NORMA DIANA HAMILTON

ALESSANDRA RAMOS DE OLIVEIRA HARDEN



	Equipe editorial
Coordenadora de produção editorial	Marília Carolina de Moraes Florindo
Revisão	Norma Diana Hamilton Alessandra Ramos de Oliveira Harden
Diagramação	Laissa Reis Larissa Brasil
Foto de capa	René Strehler

© 2021 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
 Editora Universidade de Brasília
 SCS, quadra 2, bloco C, nº 78, edifício OK,
 2º andar, CEP 70302-907, Brasília, DF
 Telefone: (61) 3035-4200
 Site: www.editora.unb.br
 E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília
 Heloiza Faustino dos Santos - CRB 1/1913

T763 Tradução como prática de resistência e inclusão : vozes femininas negras / organizadoras Norma Diana Hamilton, Alessandra Ramos de Oliveira Harden. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2021.
 228 p. ; 23 cm. – (Pesquisa, inovação & ousadia).

ISBN 978-65-5846-000-8.

1. Escritoras negras. 2. Resistência. 3. Tradução. 4. Interface gênero e raça. I. Hamilton, Norma Diana (org.). II. Harden, Alessandra Ramos de Oliveira (org.). III. Série.

CDU 81`25:82

SUMÁRIO



Apresentação _____ 7

Norma Diana Hamilton
Alessandra Ramos de Oliveira Harden

Literatura feminina negra e tradução: mapeando (in)visibilidades _____ 15

Norma Diana Hamilton
Gleiton Malta

Yvonne Vera: a análise de sua criação de prosa por meio da poesia como aporte para a tradução de seus contos _____ 53

Cibele de Guadalupe Sousa Araújo

A escrita caribenha: corações migrantes, memórias e relações _____ 89

Dyhorrani da Silva Beira

**A tradução comentada de “The invention of women”:
um diálogo com Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez** _____ 123

Gardênia Nogueira Lima
Alessandra Ramos de Oliveira Harden

**A escrita de Conceição Evaristo em uma perspectiva interseccional:
literatura afro-brasileira em tradução** _____ 163

Marcela Iochem Valente

**O corpo feminino negro tradutor: a construção de narrativas
nacionais na diáspora** _____ 191

Valeria Lima de Almeida

Últimas palavras às(aos) leitoras(es) _____ 225

Norma Diana Hamilton
Alessandra Ramos de Oliveira Harden



ÚLTIMAS PALAVRAS ÀS(AOS) LEITORAS(ES)



Norma Diana Hamilton
Alessandra Ramos de Oliveira Harden

Qualquer trabalho que vem a público carrega consigo a expectativa dos autores quando ao efeito que terá no leitor. Para nós, claro, isso também é verdadeiro. Todas as pessoas que assinam os textos constituintes desta coletânea certamente esperam que o tempo dedicado à pesquisa e à elaboração de seus artigos seja recompensado pela leitura atenta de colegas e alunas(os), assim como pela satisfação de haver contribuído para o debate sobre as questões sinalizadas pelo título deste volume.

Os diferentes microcosmos representados nas narrativas discutidas neste livro refletem as sociedades patriarcais eurocêntricas existentes nos dias de hoje. As representações das obras nos fazem refletir sobre o quanto o sujeito humano – masculino ou feminino, negro ou branco – é produzido dentro de culturas infelizmente ainda colonialistas, machistas e racistas. A literatura feminina negra conscientiza o sujeito dessa formação e nos mostra que a transformação do Eu e do mundo exige reflexão e ações contra a opressão

estrutural que sofrem as mulheres negras. Nessa concepção, as escritoras negras e os sujeitos que possibilitam a divulgação de suas vozes em novos espaços e culturas por meio da tradução podem ser vistos como ativistas, lobistas pelos direitos humanos, guardiões da humanidade. Que suas vozes fiquem cada vez mais conhecidas e assim contribuam para a inversão da maré de três séculos de colonialismo que ainda nos persegue.

Cada um dos capítulos aqui reunidos confirmou o papel que a atividade de tradução tem no que diz respeito a desvelar relações de assimetria dentro da nossa sociedade. Para além de ser instrumento que permite a avaliação de vínculos estéticos e conceituais entre línguas e culturas, a tradução se mostra relevante em dois sentidos. Primeiro, como indicador do que é ou não acolhido na indústria editorial brasileira: quem pode ou não falar e quem deve ser silenciado. Em um segundo nível, o fazer tradutório e a obra traduzida permitem chegar mais perto de autoras e textos que guardam saberes e formas estéticas que muito podem nos ensinar sobre a nossa própria realidade enquanto reflexo da realidade dessa(e) Outra(o) construída(o) no texto e na linguagem, vinda(o) de terras que são ao mesmo tempo muito distantes e tão próximas de nós.

Depois de ouvir as vozes liberadas pela tradução, não se pode voltar ao estado anterior. Não é mais possível forçar o silêncio. Assim, que a tradução seja cada vez mais um instrumento e um convite para a construção de uma sociedade mais plural, justa e solidária. Uma festa de muitas vozes.

Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

TRADUÇÃO COMO PRÁTICA DE RESISTÊNCIA E INCLUSÃO:

Vozes femininas negras

Este livro nasceu do desejo de discutir a (in)visibilidade da autoria feminina negra em sua relação com a atividade tradutória. Subjacente à argumentação dos artigos aqui contidos está o fato de que as produções teóricas e literárias de intelectuais e escritoras negras têm construído uma tradição epistemológica que se contrapõe à visão eurocêntrica e a ela resiste. Nesse sentido, é um conjunto de texto que, além de denunciar a opressão estrutural que sofrem as mulheres negras em sociedades patriarcais racistas, reivindica outros espaços e direitos, gerando representações mais adequadas e justas sobre o sujeito feminino negro. Nesse ato político de representar a si mesmas, essas vozes se tornam a autoridade de sua própria história. A tradução faz parte inegável desse processo, uma vez que define em grande parte quais vozes serão ouvidas, em que línguas e de que forma. Assim, o fazer tradutório se junta à produção de escritoras e intelectuais negras como instância de visibilidade, de crítica e, mais importante, de prática de resistência e inclusão.

